

O REI REINA... O POVO É QUEM DECIDE SOBRE OS PROJETOS

Nada mais oportuno – com a Constituinte em funcionamento – que a discussão sobre o Regime de governo no Brasil. Qual a nossa tradição? Monarquia ou República? Da República muito se sabe. Sobre a Monarquia, quase esquecida, fomos à fonte: entrevistamos D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança, Príncipe Imperial, Chefe da Família Imperial brasileira e herdeiro presuntivo do Trono, no dia 12 de abril em Porto Alegre. Apresentamos um pouco da conversa que tivemos com o Príncipe. Aliás, foi mais fácil entrevistá-lo, do que a muitos políticos e líderes que não têm nem um pingão de sangue azul. A falta de pompa é algo a ser destacado: por exemplo, no hotel em que se hospedava, só ficaram sabendo a quem hospedavam quando o procuramos na recepção.

Daniel Paim

ITARARÉ – O Sr. pode dar uma rápida biografia?

D. PEDRO – Eu nasci exilado. Porque no dia 16 de novembro de 1889 toda a Família Imperial foi para o exílio. Inclusive meu pai que era um menino dos “seus” 15 anos. Logo que nasci fui registrado no Consulado brasileiro. Passei meus primeiros anos na França e na Áustria. Em 1922, vim pela primeira vez para o Brasil porque Eptácio Pessoa, presidente da República, revogou o banimento da Família Imperial. Devo dizer que nesses anos de exílio, mesmo menino, eu já cultivava um grande amor pelo Brasil, porque me cercava todo um grupo que acompanhara os príncipes ao exílio. Essas pessoas só falavam bem do Brasil, fruta boa, só no Brasil, flor bonita, só no Brasil. Então, isso fez com que cheguei... já bem abrasileirado.

ITARARÉ – Como o Sr. deve ser tratado normalmente?

D. PEDRO – D. Pedro.

ITARARÉ – Sua Majestade Sereníssima...

D. PEDRO – Nada disso, não. Bom, nas cartas, as pessoas mais protocolares, Sua Alteza Imperial, o Príncipe D. Pedro.

ITARARÉ – *Mas, ao natural...*

D. PEDRO – D. Pedro. E alguns até D. Pedrinho.

ITARARÉ – *Os mais íntimos?...*

D. PEDRO – Cada vez menos, porque já estou com 75 anos. Quem me conheceu como menino deve ter hoje 90 anos.

ITARARÉ – *A sua árvore genealógica em traços rápidos.*

D. PEDRO – Vamos começar por cima: Dom João VI teve um filho, D. Pedro I. Este gerou D. Pedro II, que foi pai da Princesa Isabel e ela a mãe do meu pai. E papai que tinha o mesmo nome que eu, era o Príncipe do Grão-Pará, dado pela Constituição Brasileira de 1824. Casei com uma Princesa espanhola, tia do rei atual, Juan Carlos.

ITARARÉ – *Qual o tipo de preparação que os membros da família imperial têm, visando o exercício do poder?*

D. PEDRO – Em realidade, nós sempre fomos educados para servir a pátria de qualquer maneira. A nossa obsessão sempre foi a de sermos bons brasileiros.

ITARARÉ – *Mas, não existe uma formação para o exercício de poder?*

D. PEDRO – Não tem.

ITARARÉ – *Como o Senhor explica a existência de mais de um pretendente ao trono brasileiro? Tem o Dom Luís que também...*

D. PEDRO – Você já viu o Dom Luís?

ITARARÉ – *Não, eu não vi...*

D. PEDRO – Conhece alguém que o viu?

ITARARÉ – *Não.*

D. PEDRO – Então! Não falamos dele. [Risos]

ITARARÉ – *Qual sua ocupação normal, afora receber o laudêmio? (essa é uma questão polêmica, não?)*

D. PEDRO – É polêmica para gente de fora, porque quem está dentro... afinal de contas, quem quiser ter uma organização semelhante, pode fazer. Não é proibido. Faz parte do Código Civil da República, de 1917, que trata da enfiteuse.

ITARARÉ – *É que causa curiosidade.*

D. PEDRO – O Imperador D. Pedro I comprou uma fazenda. D. Pedro II soube de uns pobres alemães que fizeram um motim no navio que os levava como colonos para a Austrália. Então ofereceu terra a essas pessoas. Distribuiu mais de mil propriedades. Mas não propriedades pequenas. Eram lotes de 100 metros de frente e 300 fundos, – Um sítio. – Dados com uma condição: isso é de vocês, quando vierem a falecer é dos seus filhos, dos seus bisnetos, eternamente. Nunca a Família Imperial poderá tirar. Agora, se não gostarem, podem vender. O novo proprietário deverá pagar 2,5% sobre o preço de venda.

“Você já viu D. Luís?”

ITARARÉ – *Afora o recebimento do laudêmio, a sua sobrevivência é garantida com o quê?*

D. PEDRO – Também eu me ocupo de outras pessoas, coisas de fazendeiro. Tenho umas terras, umas fazendinhas, e coisas assim. Mas tudo sempre virá do lado da terra. Não tenho comércio, indústria ou outro negócio.

ITARARÉ – *Em sua opinião, quais as causas que levaram à implantação da República no Brasil? Algum erro da Família Imperial? Ou não?*

D. PEDRO – Houve um erro. Ninguém da Família, nem o próprio Imperador, fez nada para impedir que houvesse propaganda republicana. A liberdade era completa. Na Monarquia quem queria ser republicano, podia ser. Os republicanos tinham seus próprios clubes, seus jornais e elegiam deputados. Houve um grande movimento de pensamento, dos Positivistas, que no fundo não são republicanos, tampouco são contra a Monarquia... E também um descontentamento militar. Mas havia tão poucos republicanos que, uma vez feita a República, eles ficaram apavorados. E só tiveram uma idéia: embarcar a Família Imperial de noite, no dia seguinte, com medo de um levante popular.

ITARARÉ – *O grande erro não teria sido a precipitação da Abolição da Escravatura? Isto é, se tivesse passado a época de colheita os fazendeiros não teriam se rebelado?*

D. PEDRO – Isso é verdade. É porque os fazendeiros ficaram muito apavorados com o golpe da Abolição.

“Feita a República, os Republicanos ficaram apavorados...”

ITARARÉ – *Foi um problema estratégico?*

D. PEDRO – Sim. Minha avó era profundamente católica. E como católica, ficava revoltada com a escravidão. Ela sabia que arriscava o trono e que perderia a Coroa, mas assim mesmo ela fez.

ITARARÉ – *O Sr. vê a sociedade brasileira aberta à idéia da restauração da monarquia?*

D. PEDRO – Muita gente é sensível a essa idéia. Não a massa, porque há muita incompreensão: pensa que monarquia é luxo, plumas, condecorações e fardões bordados, inclusive. Não é não! O meu sobrinho, rei da Espanha, vive uma vida muito mais modesta que a maioria dos presidentes sul-americanos. E essas plumas, essas coisas todas... Por exemplo, a carruagem da Rainha da Inglaterra tem 300 anos. Não custa nada ter uma carruagem bonita. É só tirar o pó de vez em quando... (Risos)

ITARARÉ – *Em sua opinião, quanto custaria essa restauração?*

D. PEDRO - É difícil saber.

ITARARÉ – *Haveria custos nessa transição?*

D. PEDRO – Eu nunca penso as coisas desta maneira... de dinheiro.

ITARARÉ – *De quais setores da sociedade o Sr. conta com apoio?*

D. PEDRO – Bom, não é a mim. Eu não estou fazendo proselitismo para a Monarquia. Eu acredito na Monarquia. Mas o Sr. nunca me vê dizer “Eu sou o único pretendente

ao Trono” ou “Quero ser o Imperador”. Não. Eu acho que a Monarquia, comigo ou com outra pessoa, é uma solução feliz para qualquer país. O Sr. não vê na Europa... quais são as únicas democracias que funcionam? São todas as democracias monarquistas: Suécia, Noruega, Dinamarca, Luxemburgo, Bélgica, Holanda, Inglaterra. E do outro lado o que o Sr. vê? Repúblicas totalitárias.

ITARARÉ – *É que seu primo, por exemplo...*

D. PEDRO – Que primo?

ITARARÉ – *Aquele que não é pra gente falar...*

D. PEDRO – Sim!??

ITARARÉ – *Ele é apoiado pela TFP (Tradição, Família e Propriedade).*

D. PEDRO – Isso eu acho horrível.

ITARARÉ – *O Sr. acha horrível por quê?*

D. PEDRO – Eu acho que são uns retrógrados os da TFP.

ITARARÉ – *O Sr. não tem relações com a TFP?*

D. PEDRO – Nenhuma! Nenhuma. Conheço o Plínio de Oliveira há mais de 40 anos. E nunca rezei pela cartilha dele.

ITARARÉ – *Estaria nos seus planos a criação de uma corte baseada na nobreza hereditária?*

D. PEDRO – Olha, quem resolve isso não são os reis, são os constituintes. Quem vai fazer... organizar, são os constituintes da época. O Rei da Espanha, por exemplo, não organizou corte. Os reis reinam, mas não organizam essas coisas.

ITARARÉ – *Qual será sua atitude se realizado o plebiscito sobre a restauração do Regime Monárquico, o resultado for contrário a essa restauração?*

D. PEDRO – Muito bem: o povo não quer, não será! Quem não quer tomar um remédio, mesmo que não possa fazer bem à sua saúde, pior para ele.

ITARARÉ – *E se a restauração for negada?*

D. PEDRO – Você está mais obcecado por essa restauração do que eu.

ITARARÉ – *Não, não estou. Qual será o destino da sua família?*

D. PEDRO – Continuaremos bons brasileiros, servindo a nossa pátria. Não vai mudar nada.

“Eu nunca rezei pela cartilha da TFP”

ITARARÉ – *Supondo a restauração da Monarquia (Não é uma questão de obsessão), quais as razões que o legitimam a ser Imperador?*

D. PEDRO – A seqüência dinástica.

ITARARÉ – *Em que poderia auxiliar na solução da crise política a adoção da Monarquia constitucional?*

D. PEDRO – Nós não sabemos. Quem sabe com a Monarquia... Mas, não é dizer que a Monarquia vai salvar o Brasil do dia para a noite. Com essa situação que é muito grave.

ITARARÉ – *O Sr. pretenderia a restauração de algumas das chamadas funções de intervenção moderadora?*

D. PEDRO – Se a Monarquia for restaurada, terá uma Constituinte que vai resolver essas questões todas. Não é o Imperador. Quem resolveu durante toda a Monarquia foram as Cortes. Que foi... o Imperador. D. Pedro I fez uma Constituição que não foi aceita como ele queria. Foi votada e tudo que funcionou durante a Monarquia foi votado pelo Senado e Câmara dos Deputados.

ITARARÉ – *Existe uma fórmula monarquista que diz “o rei reina, mas não governa”, o Sr. concorda?*

D. PEDRO – Sim, é isso mesmo.

ITARARÉ – *Caso o Sr. assumisse como chefe do Estado, qual seria o encaminhamento da solução da dívida externa do Brasil?*

D. PEDRO – Dependeria do momento. Essa coisa muda a cada semana. Nós temos surpresas e novas desilusões, não é mesmo? Daqui a um mês, o Sr. sabe como vai estar a nossa dívida? Não, não sabe!

ITARARÉ – *O Sr. tem uma grande ligação com a terra, certo?*

D. PEDRO – Muita!

ITARARÉ – *Qual a sua visão sobre o problema agrário brasileiro?*

D. PEDRO – A Reforma Agrária era um projeto da minha avó, Princesa Isabel, para fazer logo após a Abolição. Nesses 100 anos de República, a República ainda não a fez. Quem sabe se tivessem deixado a Monarquia mais um ano, isso não teria sido feito?

ITARARÉ – *E é uma coisa necessária?*

D. PEDRO – Muito necessária. Mas não fazer de uma maneira louca, ou demagógica. Porque só a terra numa Reforma Agrária não adianta: tem que ter infra-estrutura para começar. A Reforma Agrária é um slogan importado da Europa, onde tem pouca terra e muita gente o que é uma realidade muito diferente da nossa.

“Reforma Agrária era um projeto da minha avó, a Princesa Isabel”

ITARARÉ – *O Sr. é contra a apropriação das terras produtivas?*

D. PEDRO – Produtivas? Produzindo? Nós vamos dar terras improdutivas também a estes proprietários. Nós temos que dar as terras produtivas que há e as terras improdutivas também porque o Governo nunca fez nada para se tornarem produtivas... O povo ficou abandonado depois do 13 de maio. A República não fez nada por ele.

ITARARÉ – *E sua opinião sobre a questão urbana?*

D. PEDRO – Como é que em Petrópolis, o Sr. falou na enfiteuse, o Imperador doou as propriedades. Vinte anos depois, estes colonos que vieram da Alemanha sem falar Português e sem conhecer a nossa realidade já tinham o seu chalé bonitinho, que os turistas que vinham ficavam assombrados em ver tudo tão bem. Por quê? Porque o Imperador doou e protegeu e ajudou essa gente. Hoje em dia Petrópolis tem favela de pessoas que falam Português, que conhecem o clima, a realidade, mas que não fazem nada e estão nessas favelas miseráveis.

ITARARÉ – *O Sr. entende que é necessário uma educação do povo e uma reformulação da política de habitação?*

D. PEDRO – Completa. Não é humano essas favelas imensas dentro de uma cidade. Vão fazer a cidade mais longe. O Brasil é imenso. Hoje, mesmo os países mais evoluídos não querem mais estas grandes cidades. Vêem que é um erro. É muito melhor fazer várias cidades do que uma grande.

ITARARÉ – *Quais são as suas relações com as Forças Armadas?*

D. PEDRO – Eu tenho um irmão que foi Coronel de Aviação e tenho muitos amigos na Marinha, na Força Aérea e no Exército.

ITARARÉ – *O Sr. não é militar?*

D. PEDRO – Não sou e não fui. Meu pai foi, os quatro irmãos da minha mãe foram...

“O Brasil precisa de uma boa dona de casa.”

ITARARÉ – *Qual a sua opinião sobre os grandes projetos que têm [...] no Brasil? (Usina Nucleares, Calha Norte, Ferrovia Norte-Sul, Transamazônica...)*

D. PEDRO – Não vou falar disso tudo...

ITARARÉ – *Mas estes são os grandes projetos que a República está...*

D. PEDRO – Não é a República. É que certos governos têm interesse. Isso tudo nunca foi discutido nem no Congresso. E deveria ser, porque se a A, B ou C interessa fazer uma nova estrada, isso deveria ser discutido pelo povo para saber escolher, quais os resultados, quais são os perigos, quais as conseqüências e a utilidade.

ITARARÉ – *Como o Sr. vê a presença do Estado na economia, aqui no Brasil?*

D. PEDRO – Às vezes, necessária.

ITARARÉ – *É que hoje em dia, 70% da economia do Brasil está nas mãos do estado.*

D. PEDRO – Ah, bom. Isso é errado. O Estado tem que ajudar, não ser dono... Porque uma vez que estas... todas estas companhias estatais são deficitárias, quase todas...

ITARARÉ – *O Sr. conhece o Brasil?*

D. PEDRO – Todo, do Norte até aqui, o Sul.

ITARARÉ – *Quais as principais desigualdades que o Sr. viu?*

D. PEDRO – Graças a Deus, a língua é a mesma, a grande maioria da mesma religião. Isso é uma benção dos céus. Porque têm países pequenininhos que tem três religiões, duas raças, duas línguas. Aqui não temos questões de língua, nem de religião.

ITARARÉ – *Quais as mais urgentes soluções que o Brasil necessita e como a Monarquia poderia concretizar essas soluções?*

D. PEDRO – Pondo ordem na casa. Uma “boa dona de casa” resolve mais do que uns visionários, uns bandidos, uns ladrões.